


**NEGÓCIOS DO BEM**

# Os lucros sociais da selva

Grandes empresas fecham parceria com comunidades da Amazônia para que se tornem fornecedoras sem destruir a floresta

» SÍLVIO RIBAS

Está provado: a maior floresta tropical do globo consegue produzir mais riquezas se mantida de pé do que derrubada. Além do bem que a preservação da Amazônia proporciona ao clima mundial e à preservação de raras espécies vegetais e animais, os empreendimentos de base sustentável envolvendo comunidades no meio da selva também melhoram as condições de vida de milhares de cidadãos e refreiam a migração de trabalhadores para a periferia das maiores cidades da região. Para isso, basta, por exemplo, aproveitar de forma racional frutos nativos como matéria-prima de grandes indústrias de alimentos e de cosméticos ou gerar energia limpa para a população em locais remotos.

O modelo produtivo com base na sustentabilidade ambiental e social desenvolvido pela Natura no meio da selva é um dos mais conhecidos e premiados no mundo. Apenas com a Cooperativa Mista Agroextrativista (Camtauá), de Santo Antônio do Tauá (PA), são 91 famílias envolvidas. De suas mãos, vêm a pitanga, o buri-ti e vários outros 20 ingredientes característicos dos cosméticos da marca. “Outros podem até seguir nosso exemplo de organização de extrativistas. O mais importante, contudo, foi ter escutado essa gente”, conta Sérgio Talocchi, gerente de relacionamento com comunidades da empresa.

A equipe do executivo se orgulha do trabalho com os pequenos produtores, que, além de agregar valor aos produtos da Natura, geram **benefícios** sociais, ambientais e econômicos para as populações abrangidas e estimula o uso sustentável da biodiversidade. Na mesma floresta, começam a surgir sistemas de extração de borracha, de café e laticínios.

Outro detalhe que impressiona positivamente a própria indústria é a capacidade dos silvicultores em combinar, no mesmo quadrante, a exploração de árvores, como a minipalmeira de espinhos (murumuru) e a do açai. “A experiência e a pesquisa científica têm nos dado nova visão sobre diferentes espécies e valorizado a cultura local”, ilustra Talocchi.

## Informalidade menor

A expectativa é de que dezenas de outros vegetais possam chegar às linhas de produção de cosméticos cujos apelos social e ambientalmente corretos agregam valor extra. No que se refere ao arranjo produtivo e comunitário, a Natura continua levantando indicadores que mostram avanços nas áreas de educação de jovens e adultos, renda adicional e iniciativas de empreendedorismo inspiradas pelas práticas ensinadas. “Começamos buscando fortalecer a cooperativa, tanto administrativamente como na infraestrutura. O

Natura/Divulgação



A seleção de frutos nativos como matéria-prima ajudou várias mulheres a reforçarem a renda e a se fixarem na região em que nasceram

## Incentivo legal

Sancionada em dezembro de 2008, a Lei que criou a categoria do microempreendedor individual, mais conhecida pela sigla MEI, já tirou da informalidade 3,6 milhões de homens e mulheres. Apenas de janeiro a novembro deste ano, 965 mil pessoas formalizaram os seus negócios. Além de reduzir a economia informal, que não paga impostos, o mecanismo serve como preparação para o cidadão montar a sua microempresa. Quem paga os encargos em dia ganha direito à aposentadoria, ao auxílio-maternidade, à segurança jurídica e à inscrição no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ).

saldo foi novos líderes locais e menos informalidade”, comemora o executivo.

Em vez de manter relações comerciais apenas com grandes fornecedoras, a Natura preferiu o contato direto com 36 comunidades para adquirir os insumos naturais. São integrados nessa conta 3,5 mil famílias em todo o país, concentradas no Pará, no Amazonas e em Rondônia. Em 2012, esses acordos comerciais movimentaram R\$ 12 milhões, valor 12% acima do ano anterior. “Nosso diálogo com os extrativistas é horizontal, com valores negociados com transparência e respeito”, reforça Talocchi.

Ele lembra que todos os trabalhos são acompanhados por uma

Natura/Divulgação



Produtos extraído da mata atraem, sobretudo, as empresas de alimentos e de cosméticos. Lucro é certo

equipe multidisciplinar, composta por antropólogos, cientistas sociais, economistas e agrônomos. Além de planejar a demanda futura, o objetivo da empresa é garantir que esse crescimento ocorra com boas práticas de manejo e rastreabilidade da produção.

## Energia cidadã

Também a favor da preservação de recursos vegetais na Amazônia pela mão do empreendedorismo, outra investida corporativa está levando luz e cidadania às comunidades amazônicas sem precisar construir um só quilômetro de linha de conexão ao sistema interligado nacional. Por meio do projeto VillaSmart (Comunidade

Inteligente), a francesa Schneider Electric, líder mundial em tecnologias para a gestão de eletricidade, ampliou os horizontes de comunidades das florestas, que antes contavam com apenas quatro horas diárias de energia.

A parceria com o governo amazense foi desenvolvida em caráter experimental nas comunidades de Tumbira e Santa Helena do Inglês, localizadas na reserva de desenvolvimento sustentável do Rio Negro. Até então, a eletricidade usada vinha de um gerador a diesel, que resultava em duas toneladas de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) emitidas no ar. Dessa máquina, dependiam serviços essenciais como o bombeamento de água potável.

O VillaSmart reduziu esse consumo de combustível em 80%.

O acesso permanente ao insu-mento energético é garantido pela geração solar no próprio local. O projeto treina os próprios habitantes para instalar tecnologia e criar um modelo de negócios que busca inclusão econômica. “Com pouco mais de um ano, percebemos menos pressão por desmatamento e a migração de moradores para a periferia de grandes cidades. Houve até o retorno de outros à comunidade de origem e apoiamos a formação de novos profissionais como eletricitistas”, conta Denise Lana Molina, gerente de sustentabilidade da Schneider.

As iniciativas que fazem parte do programa mundial da empresa

de acesso à energia, chamado Bip-Bop, foram lançadas em junho de 2012 e servem de barreira ao êxodo rural. A geração solar isolada permitiu o florescimento de negócios locais, desde alimentos prontos levados diretamente ao cliente a até uso de máquinas de débito e crédito, que realizam pagamentos a quem antes precisava se deslocar centenas de quilômetros até o banco mais próximo.

Para Denise, a simples presença de refrigeradores teve um impacto considerável na vida e na renda das pessoas. A produção de peixes ganhou nova dimensão e os consumidores ficaram mais exigentes. Lanches se sofisticaram e cursos noturnos voltaram a ser possíveis. “O dinheiro fica na comunidade e muitos informais se tornaram empreendedores individuais”, sublinha. Há cerca de 1,3 bilhão de pessoas no mundo sem acesso à energia. No Brasil, 1,27% dos domicílios estão às escuras.

Na unidade brasileira da Schneider, o trabalho voluntário também é estimulado e faz parte do plano de promoção dos empregados. Neste ano, a empresa lançou exclusivamente para o país o programa Fazendo o Bem Você Vai Longe, que prevê o acúmulo de pontos, medidos em quilometragem e com resgate trimestral, para quem se dedicar a um trabalho voluntário. Entre as vantagens oferecidas em troca, está a participação em ações outros 40 países onde atua e o desconto em horas remuneradas. Para participar do programa é preciso ser empregado ou estagiário, estar devidamente registrado no Portal do Voluntário do Instituto Schneider Electric e assinar o termo de adesão.

## Consciência

Para Marcus Nakagawa, diretor da ISetor e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), o conceito de sustentabilidade está mobilizando também micro e pequenas empresas. Mesmo com boa parte delas ainda lutando pela sobrevivência além dos dois anos iniciais, muitas já nasceram voltadas para práticas ecologicamente responsáveis, atraindo clientes a partir disso. Conforme pesquisa do Sebrae realizada em 2012, o tema está de alguma forma presente no planejamento de 65% dos 3.912 entrevistados. Do total, só 12% declaram entender muito sobre o assunto e 25% entendem pouco. Mas 75,2% consideram de “alta importância” a questão do meio ambiente.

O levantamento mostra ainda que quase a metade dos consultados (46%) vê na questão ambiental uma oportunidade de ganhos. Um exemplo de práticas sustentáveis é o de um restaurante Mariza, de Vilhena (RO), que transforma resíduos alimentares em adubo orgânico para ser usado na plantação de hortaliças e legumes.

## Reforço à autoestima

Carlos Alberto dos Santos, diretor-técnico do Sebrae Nacional, diz que os negócios sociais, muitas vezes confundidos com ações sociais, têm a seu favor a relação com a nova classe média, maior fonte de riqueza do mundo atual. “O desafio de empreender na base e no meio da pirâmide social não é só o de lidar com a maior parcela da população, mas de se criar modelos sustentáveis ambiental e economicamente”, detalha.

A construção de um mercado de consumo para todos, salienta o executivo, está limitada à disponibilidade dos recursos naturais e de preços acessíveis. Mas esse esforço também passa pela inclusão empresarial, produtiva e financeira. É com essa percepção que a Be-Linked, consultoria com origem na França e uma das únicas no mundo 100% dedicadas às relações estratégicas entre

organizações sociais e empresas, aposta tudo na força dos microempreendedores.

Seu presidente, o francês Jerome Auriac, argumenta que as grandes empresas devem, sim, financiar o desenvolvimento de projetos externos de alcance social, como forma de integrá-los à própria cadeia produtiva e de criação de valor. “Elas têm o capital para investir nas ideias e nos projetos maduros e podem recolher benefícios na forma de conhecimento, marketing e novas linhas de distribuição”, afirma. Entre os casos vitoriosos, cita os de conglomerados nos ramos de alimentação, energia e saúde.

## Dividendos

A Be-Linked desenvolve no Brasil com sócios locais, ONGs e empresas sociais nacionais e estrangeiras, os mesmos serviços

Bernardo Rebello/Sebrae Nacional



**O desafio de empreender na base e no meio da pirâmide social não é só o de lidar com a maior parcela da população, mas de criar modelos sustentáveis ambiental e economicamente”**

**Carlos Alberto dos Santos,**  
diretor-técnico do Sebrae Nacional

da França. São seminários e consultoria para executivos, metodologias e ferramentas de integração produtiva, preparação de times e reforço à autoestima de comunidades. Nesse quesito, o destaque é o trabalho desenvolvido com artistas e organizações diversas na área do Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro. “É claro que o Estado tem que proteger e até incentivar o empreendedorismo, pois cria valor local e o distribui nas próprias comunidades de

onde sai. Esse é o caminho de uma economia mais justa e sustentável”, defende.

Outro tipo de finanças sociais em expansão no país é a do financiamento coletivo conhecido como *crowdfunding*, que une engajamento social a pequenas doações. Usado sobretudo em projetos culturais, a modalidade avança no voluntariado, voltado para ações sociais específicas e de curto prazo, como o apoio à compra de equipamento ou à

construção de casas em comunidades carentes. Em algumas plataformas montadas por organizações não governamentais (ONGs) para esses serviços, dezenas de projetos são mantidos com a contribuição de milhares de pessoas que levantam volume de recursos em torno de R\$ 1 milhão. A vantagem desses negócios sociais é a burocracia menor, a ausência de risco e a rapidez da liberação do dinheiro, com a perseguição de metas. (SR)

## » Cultura dos EUA

Líder mundial em doações de empresas a causas sociais, os Estados Unidos também são destaque em voluntariado e em recursos vindos de famílias. Desde o bilionário Bill Gates, fundador da Microsoft, a um simples operário de fábrica, a maior economia do planeta despense anualmente, por residência, US\$ 1,2 mil em média com doações para instituições religiosas, sem fins lucrativos e ONGs. No voluntariado, esse mesmo valor pode ser acrescido de mais US\$ 700. Pesquisas realizadas com famílias norte-americanas revelam que não são apenas os incentivos fiscais ou mesmo o altruísmo que movem tais iniciativas. Pesam a pressão do grupo e a busca pelo reconhecimento social.

**» Leia amanhã sobre negócios que salvam populações marginalizadas**